

A QUINTA CARTA EM PROSA DE CAMÕES: “PORQUE NEM TUDO SEJA FALAR-VOS DE SISO”

THE FIFTH PROSE LETTER BY CAMÕES: “FOR TALKING WISELY IS NOT ALL THAT MATTERS”

Marcia Arruda Franco¹

RESUMO

Pretende-se mostrar breve histórico da recepção da quinta carta em prosa atribuída a Camões, apontando para a oportunidade de sua edição junto a outras quatro cartas em prosa do autor já conhecidas da tradição editorial, assim como da publicação de cartas em prosa que permanecem manuscritas de outros autores coevos. Também se apresenta análise de *Por que nem tudo seja falar-vos de siso*.

PALAVRAS-CHAVE: Camões; cartas em prosa; recepção crítica.

ABSTRACT

Following a brief study on the reception of this epistolographic genre and on that of the fifth prose-like letter by Camões, I aim to show the opportunity of editing this genre in general and specifically the fifth letter among those already accepted as written by Camões in editorial tradition. We propose a reading of *Por que nem tudo seja falar-vos de siso*.

KEYWORDS: Camões; prose letters; critical reception.

As cartas em prosa de Camões permitem pensar um lado menos oficial do poeta, à margem daquele canonizado pela história literária e nos currículos escolares. Dir-se-ia que, entre o texto remetido, o conjunto das suas referências à margem da sociedade monárquico-cristã e as regras de composição para esta escrita epistolar, tal gênero baixo parece verbalizar o retrato em que o poeta aparece preso, nas Índias, numa espécie de cela-escritório, com as regalias de um letrado, a escrever *Os Lusíadas*. Como diversas vezes afirmou Helder Macedo²:

Poucos poetas mereciam menos o destino póstumo de monumento nacional do que Camões. Fixá-lo numa imagem de grandeza estereotipada é neutralizar a grandeza real de quem preferiu ao confronto das ideias recebidas a precária demanda de experiências ainda sem nome. (MACEDO, 2010, p. 33).

Para o crítico, “ao dignificar a experiência como base do conhecimento, Camões é um poeta moderno”(MACEDO, 2010, p. 33). As observações de Macedo a respeito do cosmopolitismo de Lisboa no século XVI permitem contextualizar as cartas em prosa de Camões: “*Lisbon, the gateway for Europe’s trade with the Orient, was a city in which everything could be bought and sold: spices, jewels, slaves, sex, drugs, power, fortunes, voyages, nobility, sanctity*” (MACEDO, 1990, p. 50).

Esta modernidade medida como visitaçãodo avesso da sociedade monárquico-cristã encontra-se na sua epistolografia, cujas cartas em prosa, em estilo vulgar, relatam a vivência do remetente em espaços urbanos marginalizados, como o “Malcozinhado”, “torre de Babilônia”, onde convivem “moiros, judeus, castelhanos, leoneses, frades, clérigos, casados, solteiros, moços e velhos” (Carta III, “Uma vossa me deram”, in CIDADE, ed., 1946, p. 255).

No ponderado verbete que redigiu para o *Dicionário de Camões*(2011) a respeito das suas cartas em prosa, Isabel Almeida chama a atenção para o desinteresse dos camonistas e da história literária em valorizar este lado não heroico nem principesco do poeta. Referindo-se aos dois códices que preservaram centenas de cartas em prosa de vários autores do tempo de Camões, observa que não fizeram nascer a “tentação de as proclamar do ‘príncipe dos Poetas.’ Talvez por isso; porque esta era a imagem, que se queria canônica, de Camões” (ALMEIDA, 2011, p. 244, col. 1).

Não estranha, assim, que, no *Labirinto camoniano e outros labirintos*, a camonista Fiama Hasse Pais Brandão (1985, p.91) pretendesse “levar alguns leitores a conhecer e aprofundar uma [...] *leitura de Camões*”; “esta, sim, *ignorada*”; como pesquisadora do século XVI, sem deixar de ironizar a polêmica acesa pela biografia do poeta, da autoria de Hermano José Saraiwa, *Vida ignorada de Camões*, alude ao ostracismo a que a crítica votou este gênero de escrita epistolar.

No subtítulo do presente artigo explicita-se a que texto epistolar se refere como quinta carta em prosa. Trata-se da controversa “Por que nem tudo seja falar-vos de siso”, cuja autoria nunca foi claramente aceita a ponto de ser publicada – nem à parte nem junto a outras quatro cartas em prosa canonizadas como de Camões. O seu último editor, Clive Willis (1995), considera a quinta carta não a que aqui apresentamos, mas o bilhete enviado a D. Francisca de Aragão, dama da alta aristocracia, com as glosas ao mote “Mas porém a que cuidados”³, bilhete que, do ponto de vista aqui esboçado, parece representar um outro gênero epistolar, mais afim às dedicatórias, em flagrante contraste com o gênero baixo das outrascartas em prosa. Embora pudesse ver que “Por que nem tudo seja falar-vos de siso” “resembles in style and content the two more established letters written from Portugal’s capital” (WILLIS, 1995, p.15), Clive Willis não defende a sua autoria camoniana e a exclui de sua edição e do bem reduzido cânone das cartas em prosa de Camões, a meu ver, perdendo uma grande oportunidade de publicá-la no seu “The correspondence of Camões” (1995).

A tradição editorial das cartas começa a partir da segunda edição das *Rimas*, de 1598, que inclui duas cartas em prosa, embora, no prólogo, Estevão Lopes anuncie a publicação de três cartas. É que a terceira composição aludida pelo livreiro não é uma carta em prosa, e sim uma composição satírica, “Zombaria que fez à entrada de um governador em Goa”, que, semelhantemente a outras cartas em prosa, é *prosimetrum* (ALMEIDA, 2011), pois se compraz também no emprego de trechos em versos, embora lance mão de apenas duas das três línguas da cultura letrada quinhentista de Portugal: o português e o castelhano. As cartas em prosa, por sua vez, ainda escrevem um pouco de latim, como ressalta Camões na sua quinta missiva, agora em foco: “E olhai esta declaração, que nem Asensio, nem Donato⁴, a puderam dar melhor, os praguentos de agora, se não entremetem⁵ latinzinho hão que não escrevem bem. E eu assim o faço imitando mais seu estilo que o meu.” (Códice BNP 9492, fol.156v) Tal se revela atitude de escrita deste gênero epistolar, ao serem intrometidas na composição algumas expressões latinas. Na quinta carta, entre a meia dúzia de “latinzinhos” citados estão versos de Virgílio, e referência a Ovídio, revelando a erudição desse discurso epistolar em registro baixo.

O pequeno cânone das cartas em prosa de Camões contém, além de “Esta vai com a candeia na mão” e “Desejei tanto uma vossa”, impressas desde 1598, a terceira carta, “Uma vossa me deram”, pela primeira vez publicada em 1904, por Xavier da Cunha, de que são conhecidas duas versões (1988), e a quarta, “Quanto mais tarde vos escrevo”, editada apenas em 1925, por José Maria Rodrigues. Alude-se também a fragmento da carta em prosa, “Quem ouviu dizer nunca”, impresso por Lourenço Crasbeck na edição de 1626 de *Os Lusíadas*, decisivo para a canonização romântica do poeta como metáfora da pátria portuguesa, associando a sua morte por ‘desavergonhamento’ à perda da autonomia política do reino português, cujo texto integral sintomaticamente não é conhecido (BRANDÃO, 1985; WI-

LLIS, 1995⁶; ALMEIDA, 2011). As duas cartas que permaneceram manuscritas até as primeiras décadas do século XX foram descobertas nos dois aludidos códices da BNP, contendo cartas em prosa, algumas em versos, de diversos autores contemporâneos, mas a autoria de “Por que nem tudo seja falar-vos de siso”, que se segue, num dos códices, à terceira e quarta cartas canônicas, permanece controversa.

A certa altura da carta inédita, o destinatário, referido na segunda pessoa do plural, pertencente “agora” a um estado social mais alto, é requestado à licenciosidade do discurso, definindo o remetente como poeta do grupo dos tristes, dos que passam a pena (escrevem e são melancólicos) constrangidos pelos lances da Fortuna. A liberdade temática e etimológica da quinta carta se funda na superioridade das qualidades de escritor do remetente em relação ao destinatário:

por que já em escrever-vos, e *nos aliquod nomenque decusque gessimus*⁷, e vos já me gavastes⁸ mais do que vos eu gabo, e isto basta para vos escrever agora, como quiser sem guardar ordem, nem ordens, conforme ao lugar, e estado, em que agora viveis, e eu vivo noutro [,] de um Morcego, sem ser Ave, nem rato, a culpa disso dá-la-ão uns ao triste que passa a pena e outros aos acontecimentos da fortuna, que não respondem sempre aos fundamentos de cada um, ainda que sejam bons. (Códice BNP 9492, fol.156v)

No fim da carta, a mesma atitude é cobrada do destinatário para manterem o registro da correspondência: o destinatário deve “escrever largo”, como faz o remetente, “sem medo nem vergonha”. O remetente é o homem que paga a encomenda de notícias requeridas pelo destinatário com a descrição do cortejo de Madama del Puerto até Alcântara, prometendo escrever “mais largamente” depois:

Então vô-lo escreverei mais largamente, e por agora contentai-vos com isto, por que (*Visa est mihi digna relata pompa*⁹) o vosso homem tem a vossa encomenda, a minha não esqueçais v. m. com me escrever largo, como eu faço sem medo nem vergonha, beijo a mão de v. m. desta Aldeia de Lix^a [,] a melhor do Reino. A 20 de maio de 1553. (Códice BNP 9492, fol. 157v)

Isabel Almeida adverte que, “Se a imagem do eu moldada nas cartas é a de um indivíduo singular (ou porque triste ou porque marginal), dado a uma análise fina e irônica de si e dos outros, diferentes são os caminhos do discurso” (ALMEIDA, 2011, p. 245, col.1). Nas cinco cartas, se escancara a “duplicidade do gênero, que oscila entre a vocação privada e fortuna pública como entre a promoção de um pacto de autenticidade e a efabulação mais ou menos carregada de efeitos de real” (ALMEIDA, 2011, p. 246, col.1). Em outras palavras, o vínculo entre biografia e carta em prosa não é direto, pois, ao buscar mimar a conversa entre o remetente e o destinatário, o texto foi construído por um conjunto de artifícios retóricos que produzem a verossimilhança do discurso; o remetente escreve uma

experiência digna de ser relatada, como o cortejo de putas/inquisidores, cumprindo a encomenda do seu correspondente.

Entretanto, nas décadas iniciais do século passado, para os primeiros camonistas da universidade portuguesa, a própria identificação entre o discurso para lá de baixo da quinta carta e um relato biográfico do autor de *Os Lusíadas* pareceu acintosa, ferindo a imagem de Camões como príncipe dos poetas de seu tempo e de herói da pátria portuguesa. Como adverte Fernando F. Portugal, “que propugn[a] pela [...] atribuição “[da quinta carta]a Camões”: “O assunto, a matéria da carta – ‘Por que nem tudo seja falar-vos de siso’[...] mesmo tendo em conta a solicitação de sigilo e a vigorosa explanação do meio em que se atolava meia Lisboa, a maior aldeia do reino, é baixo, mesmo dos mais baixos das cartas transcritas no códice 9492” (PORTUGAL, 1988, p. 9).

O primeiro a negar a autenticidade e genuinidade da quinta carta foi justamente quem primeiro ocupou a cadeira de Camões na Universidade de Lisboa, o catedrático José Maria Rodrigues. Em “Comentário da carta inédita” (1924), “Quanto mais tarde vos escrevo”, reconhece a autoria camoniana das duas cartas encontradas no século XX, mas não a da terceira, “Por que nem tudo seja falar-vos de siso”. Os motivos que o levaram a excluir esta carta do cânone revelam a parcialidade de seu juízo:

A terceira carta não é efetivamente de Camões, embora se ocupe da pornografia olissiponense, no sentido etimológico da palavra. E não o é por várias razões, entre as quais basta o facto de ser datada de 20 de Maio de 1553, quando o poeta já ia sobre as águas do mar, a caminho da Índia, desde 26 de março desse ano. (RODRIGUES, 1924, p. 156)

O argumento é simplório e traz um sorriso aos lábios do leitor que tem notícia de cartas escritas a bordo, como a de Pero Vaz de Caminha. A frase inicial da quinta carta parece justamente referir o estado de embarcado: “Por que nem tudo seja falar-vos de siso, após as novas que vos mandei de África e da Índia, que cá soaram, agora vos mando estas de folgar, que à orelha vos hajam de soar melhor.” A este destinatário o remetente enviara novas, notícias do seu exílio em Ceuta, onde perdera o olho direito, numa guerra de cruzada tardia, e, provavelmente também lhe enviara novas da sua atual viagem às Índias, como soldado a serviço militar, por três anos, para a coroa, como se conhece da “carta de perdão”, publicada por Juromenha no século XIX. Estas notícias foram espalhadas porque parecem ter sido divulgadas pelo destinatário por sua vocalização pública nas tabernas e bordéis de Lisboa.

A “pornografia olissiponense, no sentido etimológico da palavra”, apesar de presente nas outras duas cartas de Lisboa, foi o principal motivo que levou o catedrático a excluir a quinta carta do cânone camoniano. Com efeito, ao aceitar as duas cartas descobertas no primeiro quarto do século XX, buscava fazer uma oposição entre o mundo baixo nelas referido e o de-

sejo íntimo do poeta, cuja nostalgia da “vida rústica” e bucólica, a serviço da aristocracia, está expressa na carta publicada em 1904, “Uma vossa me deram”. Rodrigues pondera: “Não havia realmente outra solução honrosa senão fugir, com vontade ou sem ela. E diga-se em abono da verdade que, mesmo na época em que o poeta mais metido andava na sua deplorável vida airada, sentiu, pelo menos uma vez, rebates de consciência” (p.154), citando trecho dessa terceira carta de Camões, que considera dirigida a Coimbra:

Não vos nego a inveja, escreve ele para Coimbra, que (da vossa vida rústica) vos tenho, nem o pouco conhecimento que dela tendes, pois me dizeis que vos enfada já... Se a vós, senhor, essa vida vos não contenta, vinde trocar pela minha, que eu vos tornarei o que for bem. (Camões *apud* RODRIGUES, 1924, p. 154)

O catedrático cita o bordel para concluir que a Camões “já lhe metia asco o seu *Mal-cozinhado, onde sempre se achava de comer, e, mal ou bem, tudo era vianda*” (RODRIGUES, 1924, p. 155). Mas é justamente aqui que se revela a sua avaliação moral e biografista de Camões, legitimada por sua concepção romântica do discurso literário, como reprodução e expressão da experiência vivida, considerando que “Por que nem tudo seja falar-vos de siso” “Vem muito a propósito, porque nos dá notícia da guarnição da desmantelada *Goleta*”. Isto é, relaciona por comparação este trecho da terceira carta, em que Camões dá notícia da morte de algumas “damas de aluguer” – “A esta torre chamaram *Acolheita*, pela fortaleza dela. Mas o filósofo João de Melo lhe pôs nomeo *Rompeu* porque é de três paus, a saber: de Francisca Gomes, a Tarifa, e Antónia Brás, afora a bola, que é Maria da Rosa.” (CAMÕES, 1946, p. 255) –, ao seguinte trecho da quinta missiva: “[...]As que mais andam agora nos pelouros de seus folgares são a Tarifa, a Curradeira, a Marquesa, a Sintroa, a Antonia Bras, e as que chama[m] foliões”, aceitando a identidade no nome das prostitutas nas duas cartas em prosa, o que fica mais evidente em nota de pé de página: “As foliões devem ser as donzelas da caída ‘Torre da Babilônia’”. “Mais adiante fala a terceira carta ‘num pagode real’, em que entraram as ‘velhacas da Curradeira e Marquesa’” (RODRIGUES, 1924, p.156). Ao identificar as mulheres referidas nas duas cartas, o catedrático acaba produzindo um argumento discursivo para a autoria camoniana da quinta carta.

Este juízo de José Maria Rodrigues que exclui a quinta missiva do cânone das cartas em prosa de Camões foi questionado apenas nos anos 1980. Ao comparar as duas versões existentes da terceira carta¹⁰ “Uma vossa me derão”, “[o]corre [a Fernando F de Portugal]

que, noutra códice da BN, de Lisboa (COD. 9492, f. 156-157v), se transcreve uma “Carta que hum Amigo a outro manda novas de Lixboa” e que começa “Por quem tudo seja falar-vos de siso”. A proximidade topográfica dos textos permitiu [a ele] a leitura e, embora não contenha no título qualquer indicação de autoria, o que aliás sucede com

aquela cuja versão [ele estuda, atribuída a 'Lois de Camões'], originou certa surpresa, quer pela data que ostenta (é mesmo a única datada), 20 de maio de 1553 (ano que se propõe para as atribuídas a Luís Vaz); quer pelo ambiente descrito, o da "pornografia olissiponense, no sentido etimológico da palavra"; quer pela coincidência de nomes com os das duas outras cartas; quer pelas sentenças latinas, dispersas no texto e citadas a propósito e, mais ainda, a própria significação particular dada a "pagode", também coincidente". (PORTUGAL, 1988, p. 9).

Conclui, por fim: "Ora esta carta é de Camões se as outras duas – 'Hũa vossa me derão...' e "Quanto mais tarde vos escrevo..." – também o forem" (PORTUGAL, 1988, p. 9). E confirma: "Agora que o estilo é o mesmo das restantes cartas atribuídas a Camões – digamo-lo "sem medo nem vergonha" –, lá isso é!..." (PORTUGAL, 1988, p. 10).

Nas cartas em prosa de Camões, como sói acontecer nesse gênero, se estabelece um pacto entre remetente e destinatário de divulgação autoral ou não do conteúdo publicamente; na quinta carta, o segredo acordado é prudência:

E ainda que escrever-vos isso seja empresa baixa, e de baixo sujeito, pois é praguejar de Putas, com tudo não terei culpa, senão de m'a vos causardes, com me descobirdes, por que eu para vós só o escrevo, com quem posso e devo falar tudo, e assi desta cautela de segredo. E não seja necessário ficardes-vos culpado comigo, nem eu desculpado convosco, e que eu não seja destas coisas o mais deligente¹¹ solicitador desta terra: nunca faltam vos más línguas, que vos fazem tudo essas em que vos péz¹². (Códice BNP 9492, fol. 156r)

Com efeito, a solicitação de sigilo no âmbito do discurso epistolar camoniano vai além do temor da murmuração, generalizado entre autores do século XVI, sempre temerosos em suas "epistolas aos leitores", que abrem as edições quinhentistas, das más línguas dos "praguentos" e "murmuradores", isto é, daqueles que estão prontos a maldizerem o trabalho dos escritores. No caso das cartas em prosa de Camões, seja por sua escolha do estilo baixo seja por referir o cotidiano do remetente, à margem da sociedade de corte, o pacto de sigilo na divulgação das notícias, como discrição, adquire uma dimensão política. No final da quarta carta, "Quanto mais tarde vos escrevo", publicada pela primeira vez na *Lusitânia*, com o aval docatedrático camonista, é claro o funcionamento do gênero como alerta contra a perseguição inquisitorial: "Dizem que é passado nesta terra um mandato pera prenderem a uns dezoito de nós; e porque nestas pressas grandes sem vós não somos nada, sabei que deste rol vós sois o primeiro, como sempre fostes em tudo" (CAMÕES, 1946, p. 263). Com efeito, na quinta carta surge o topônimo Arrábia, em Alcântara. Portanto, na carta, a turba dos judeus marginalizados da sociedade cristã se dirige a um lugar de arábicos, "onde se passa o alcatruz", por assim dizer, de Baco.

É também por isso que Fiama (BRANDÃO, 1985, p. 89-96), em “Linhas das cartas de Camões”, desconfia de um estilo tão baixo e considera cifrada (p. 85) a escrita das cartas em prosa, como quando nos explica que “Matadores, Matistas, Matarins, Matantes” são modos de designar os judeus “pois haviam morto Jesus Cristo”, ou seja, “Mattadeus” (BRANDÃO, 1985, p. 90). Também sugere que a “Torre da Babilônia”, a “Acolheita” e o “Rompeu”, outras designações do “Mal-Cozinhado”, são eufemismos para os cárceres da Inquisição. Brandão (1985, p.85) identifica o filósofo João de Melocitado acima com o “célebre inquisidor Dr. João de Melo, como lhe chama também Herculano”, e como metonímia de “Inquisição” (p. 90). Em “*Rompeu* porque é de três paus” está cifrada a alusão a instrumento de tortura, que consiste em três paus, e o consórcio entre prostitutas e inquisidores, carregando o relato da carta de ambiguidade, ao descrever práticas descodificáveis tanto como características da prostituição quanto como denúncias da tortura inquisitorial sobre judeus, mouros, mestiços, homossexuais, ceitis, eclesiásticos luxuriosos.

Para Fiama o “sorvedouro licencioso” das cartas em prosa é linguagem cifrada que denuncia a repressão da Inquisição a grupos étnicos e religiosos marginalizados como mouros, judeus, “ceitis”, “franceses”, “marinhanos” e “almogavares”. Esta turba de *outsiders* referida nas cartas em prosa de Camões é perseguida pela Inquisição, as suas práticas religiosas não *deveriam acontecer* do ponto de vista da ortodoxia católico-ibérica.

Na quinta carta, as personagens principais – putas/inquisidores? – são logo apresentadas:

Bem sabeis já como é entrada nesta cidade Madama del Puerto, com a Sñora Barborica[,] sua filha. E também sabeis que este sobrenome del Puerto não cobrou ela por cem mil milagres que nele fizesse, onde muito tempo Resediu¹³ em seu ofício, mas por cem mil velhacarias que estão significando cem mil açoites que por elas lhe pintavam nas costas, com trombetas.(Códice BNP 9492, fol. 156r)

“Cem mil açoites” significa no âmbito licencioso a prática sexual que consiste em açoitar o amante para conseguir o excitamento e o êxtase, mas pode funcionar como linguagem cifrada para referir a tortura no cárcere inquisitorial. Seja como for, a prostituição das filhas por mães (ou avós) proxenetas é tema recorrente na literatura ibérica e comparece na quinta carta: “por que a Sñora Barbora foi mais vezes cosida e renovada por sua madre que umas botas de um escudeiro, e assim a vendia por *buena*”(Códice BNP 9492, fol.156r) . A mãe costura a virgindade da filha e o remetente alude à modalidade sexual por açoites, com a pintura ou o lançamento de “trombetas nas costas”. Tal acepção sexual da palavra que designa o instrumento musical de sopro que pode imitar sonoras flatulências é reiterada ao longo da quinta carta em prosa, por exemplo, para explicar o retorno de Madama del Puerto e sua filha ao “bas-fond” da Lisboa renascentista: “E, porém, a Puta Velha com o furto que lhe tornavam

nas mãos lançaram lhe nas costas com trombetas, até que por vários casos, [pertotdiscriminarerum]¹⁴, tornou aqui aportar a Lix^{as}, e má Lixas que é um ninho velho, e domicílio antigo de Putas Antigas.”(Códice BNP 9492, fol.156r).Então é declarado o grande saber, dir-se-ia, por experiência feito, de mãe e filha, a respeito da prostituição:

e tornando a nosso tema, digo que a Sñora Barbora, y la puta de su madre, vêm tão avante no putavismo que podem leer¹⁵de cadeira, e com seus donaires ora portugueses ora castelhanos nunca lhe faltam em que *emprigem*¹⁶ suas letras, e suas manhas, por que neste cesto roto de Lix^a, onde elas lançam tudo, bem sabem que cada panela tem seu testinho. (Códice BNP 9492, fol. 156v)

A descrição alude aos que requestam os serviços de mãe e filha, como membros da pequena nobreza sustentados pela coroa, chicoteados com golpes nos couros pelas putas, como franceses “louçãos”. Estes são soldados que se dirigem a Ceuta, denominados “ceitis”, pois são beneficiados pela rede clientelista da monarquia cristã, em troca de lutarem nas guerras de cruzada tardia no Marrocos:

uns debruadinhos d’arte¹⁷, a quem [,] como sabeis [,] pagam soldos e moradias adiantados, com outras mercezinhas, e de maneira os tratam como franceses depois de lhe usarem as bolsas, de bem vestidos e louçãos que andam, os tomam e lhes *dispensa-te os* couros golpeados. E destes os que agora dão mais vistas e mostras Senhores ceitis, que assi chamamos aos que se agora fazem prestes para Cepta¹⁸, e estão às casas destas Damas todas cheias destes ceitis, de que elas fazem alguma prata.(Códice BNP 9492, fol. 156v)

Para introduzir o cortejo em direção à Arrábia, a carta apresenta a tipologia hierárquica das putas/inquisidores lisboenses: 1º- As velhacas:

E estas falsas que *rebivem para dar muerte*, que como o trigo se não apodrece na terra não dá fruto nem espiga, assi estas velhacas, parece que quanto mais podres, de seus males, e doenças, amortalhadas em seus suadouros, refrescam e reverdecem mais, porém já sabeis que *latet anguis in herba*¹⁹, como se vê nelas cada dia que são peçonhentíssimas, mas como são tão quistas, amadas e requestadas de seus amantes, mais perdidos que elas, (Códice BNP 9492, fol. 156v)

2º- Putas Claustrais: “E das Putas Claustrais, as que mais agora andam nos pelouros de seus folgares são a Tarifa, a Curradeira, a Marquesa, a Sintroa, Antónia Brás, e as que chamam as foliões”(Códice BNP 9492, fol. 156v). 3º- Frutas Claustrais: “Outras ay também[,], outras claustrais, mas mais autorizadas, as fructas, Barbora, [Lisa?], Luzia, e outras desta laia [;]” (Códice BNP 9492, fol. 157r), e 4º- Putas Velhas:

ay outras inda²⁰ de mais autoridade, estas dão sua casa onde se pagodeia, por que com as pessoas não servem, por serem já velhas, assi como Guiomar Mendes, Felipa de Bayrros, Breatriz Framenga²¹, com suas filhas *est cum loris suis*. E as casas destas se vão apontar toda a imundícia destes que digo. (fo. 157r)

O contexto em que se enquadra a expressão *est cum loris suis* autoriza a sua tradução por “está com seus chicotes”, com sentido sexológico. A forma *loris* é o ablativo do plural de *lorum*, que significa correia, cinto, chicote, com o sentido de instrumento estimulante sexual, como se pode ver, por exemplo, em passos da “Arte de Amar” e dos *Amores*, de Ovídio²². A expressão latina “est cum loris suis” retoma prática na qual a excitação sexual é conseguida por meio de chicotadas e golpes nos lombos, “com trombetas nas costas”? Referência a tortura nos cárceres inquisitoriais? Seja como for, o cortejo descrito tematiza os marginalizados da sociedade de corte cristã na Cidade de Ulisses. O Pagode Real como festa é o clímax do cortejo/castigo de infieis:

aconteceu, pois, que esta somana²³, que uns ditos Ceitis (que por sua honra não nomeio) ordenaram um pagode Real com Madama del Puerto, e sua filha Barbora. E com as velhacas da Curradeira, e Marquesa, e pessoa vista fintaram para a cabeça da serpe o mais que eles puderam ajuntar, com que fizeram abastada despensa de comer, e beber, o que foi tudo levado a Orta Navia²⁴, em Alcântara, onde havia de ser a mojangá²⁵, e por mais se honra Mafoma, e ser a cousa mais crespa, saíram de suas casas a tempo que o Radiante *sobresparziasusdoradosRayos sobre la haz della tierra*.²⁶(Códice BNP 9492, fol. 157r)

Incluindo mouros e judeus mestiços, a companhia segue para Alcântara, citados dois versos castelhanos de “Disparates seus na Índia” para dizer a etnia judaica e mestiça de determinado ceitil:

nesta ordem e concerto. 5 damas iam ao Varonil, em trajo de homens cavalheiros em quartões que lhe eles buscaram[,] muito guerreiros, com seus penachos²⁷ recramados²⁸ de ouro e prata, por ir a cousa meia emprazada meia em Ceitis, por que ainda que os senhores e não todos dos Ceitis, digo um deles que principalmente ia por servidor da Marquesa, *su padre era de Ronda, y su madre era de Antequera*, ou de Guinée;(Códice BNP 9492, fol. 157r)

O cortejo é descrito em detalhes, talvez autorizando a leitura das prostitutas como linguagem cifrada para se referir aos inquisidores:

a puta velha por guardar mais decoro e majestade de Madre ia de Andilhas, porém louçã e muito enfeitada, e coberta com uma capa de escarlata, mas como dizem escusada é de coada, e por demais na cabeça do Asno, por que ela não deixava de parecer quem é, ou parecia tudo a força Cabria²⁹, quando a vestiram nos trajos da outra;(Códice BNP 9492, fol. 157r)

O cortejo atinge a “Arábia” em “Alcântara”:

desta maneira chegaram a Arrábia, onde com o Alcatruz se passavam. E eram cheios, como se diz, não de água, mas de muito vinho, com que de todo, segundo fama, desenfadaram

seus corpos, e dou-vos fé que me espantaram as cousas que então fizeram, muito notáveis que não são para vos contar. (Códice BNP 9492, fol. 157r)

Sublinha então que Madama del Puerto ainda tem servidores e é cortejada:

e não vos pareça que ficou a madre velha de todo de fora, porque os cavalheiros[,] e não mais que os das damas, puseram-se a fazer festa, por que também fosse regozijada, saíram-lhe diante uns Almogáveres³⁰, que souberam de sua ida, os quais eram seus Marinhanos (e vos os conheceis, amantes dessas damas primo irmão da Curradeira []) e outros.(Códice BNP 9492, fol. 157r)

Por fim, outro tema comum a cartas em prosa de Camões é a referência a arruaças e perseguições político-religiosas, frequentes naquele tempo, e causa de sua primeira prisão, no Tronco de Lisboa. Na quinta carta, porém, não houve briga, pois todos, ceitis e almogáveres, eram conhecidos:

detreminando³¹ afrontarem-nos de alguma maneira, perpassaram por os almogáveres muitas vezes, a rédeas tendidas fazendo muito pó, e o escândalo com as Damas, que iam de isto em extremo receosas, por cuidarem que era isto caminho de algumas brigas, cousa no certo que os mais namora, e porém os cavalheiros foram todos conhecidos logo dos outros e ficaram *buenos y leales*.(Códice BNP 9492, fol. 157r)

Por fim, termina o Pagode Real: “E assim dissimulando cada um com sua mágoa, foram retirando-se, os Ruyanos se tornaram e a outra mais companhia seguiu [sua] rota, agasalhando-se aquela noite cada amante com a sua, aonde se diz que foram matraqueados dos outros³² de amorosas gatarias” (Códice BNP 9492, fol. 157r). Refere de novo a presença de judeus como frequentadores do bordel e confidentes das putas (inquisidores?): “outros recontros notáveis são passados entre matantes(Códice BNP 9492, fol. 157r) e estas senhoras *mías*, espero informar-me bem de um matador que me há de contar tudo”(Códice BNP 9492, fol. 157v).

Em suma, apesar de ter, em “Linhas das cartas de Camões”, de Fiamma Hasse Pais Brandão (1985), glossário e pesquisa onomástica fundamental, e de ter a sua autoria camoniana aceita por Portugal (1988) e por Almeida (2011), esta composição de Camões permanece manuscrita; ultrapassando o preconceito crítico que a tem mantido fora do cânone camoniano, por seu nexos codicológico, temporal, espacial (geográfico e urbano), discursivo, temático e genérico com as outras cartas em prosa aceitas como dele, precisa, urgentemente, ser publicada³³. Em outras palavras, o conjunto das cinco cartas em prosa é o texto básico para a construção de uma imagem não heroica e não oficial de Luís de Camões. Mais que isso, o conjunto de cartas em prosa preservado nos códices aludidos também merece transcrição e publicação, pois pode revelar aspectos desconhecidos de autores e da sociedade portuguesa ao tempo de Camões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Isabel. Cartas de Camões. In: SILVA, V. A (coord.). *Dicionário de Camões*. Lisboa: Caminho, 2011.

BRANDÃO, Fíama Hasse Pais. Linhas das cartas de Camões. In: *O labirinto camoniano e outros labirintos*. Lisboa: Teorema, 1985.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.

<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>

CAMÕES, Luís de. *Obras completas: autos e cartas*. vol. III. Lisboa: Sá da Costa, 1946.

CUNHA, Xavier da. Uma carta inédita de Camões. *Boletim das bibliotecas e arquivos nacionaes*, ano 1, n.º 1 (1904). P. 26-46.

Diccionario de la lengua castellana: en que se explica el verdadero sentido de las voces... Madrid: Imprenta de la Real Academia Española, por los herederos de Francisco del Hierro, 1734. https://books.google.com.br/books?id=1vj5UIAwlWEC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

FARIA, Manuel Severim (org.). Textos literários, de carácter histórico, genealógico, apontamentos sobre várias matérias, etc [manuscrito]. *Cod. 8571* da Biblioteca Nacional de Portugal, 1551 a 1650. 333 Fols.

MACEDO, Helder. *Camões e outros contemporâneos*. Lisboa: Editorial Presença, 2017.

_____. Luís de Camões: o testemunho das cartas. *Floema especial. Dossiê Camões*, 2010.

_____. Camões and his lyrics. In: _____. *Luis de Camões, epic & lyric*. Manchester: Carcanet Press LTDA, 1990.

OVIDIO. *Amores & Arte de amar*. São Paulo, Penguin Classics-Companhia das Letras, 2011.

PORTUGAL, Fernando F. de. As duas versões de uma carta camoniana. *Revista da Biblioteca Nacional*, séries 2, 3.2 (1988) 7-20 (9-10).

Pub. Ovidii Nasonis *Opera omnia, in tres tomos divisa, ex accuratissima recensione Nicol. Heinsii. Cum notis selectissimis variorum, in omnes ejusdem libros ; & figuris aeneis artificiosissimis, singulis libris Metamorphoseon praefixis, argumenta eorundem indicantibus. Cum indicibus locupletissimis, tum rerum, tum verborum: editio nitidissima, accuratissima. Accurante Cornelio Schrevelio. Petrum Leffen, 1661. (Google's Book).*

RODRIGUES, José Maria. Carta inédita de Camões e comentário de uma carta inédita. *Lusitânia*, Lisboa, 1925, fasc. V/VI. P. 141-144 e 145-157.

VAREJÃO, Pedro Alvares (comp.). Miscelanea de textos literários em prosa e em verso e várias cartas [manuscrito]. Cod. 9492 da Biblioteca Nacional de Portugal, 1551 a 1600. 197 Fols.

VIRGILIO, *Eneida*. Madrid, Alianza Editorial, 1990.

WILLIS, Clive. "The correspondence of Camões" (with introduction, commentaries, translation and notes by -.). *Extract – Portuguese studies* [Department of Portuguese, King's College]. vol. 11. London: W. S. Maney & Son LTD, 1995.

Recebido para publicação em 30/05/19

Aprovado em 29/07/19

NOTAS

1 Professora Associada de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Este artigo integra a pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação de Literatura Portuguesa e é uma adaptação do texto proferido na abertura das Jornadas de LP 2018, "Para a história não oficial de Camões, novas propostas de estudos camonianos". Liga-se, ainda, ao Grupo de Pesquisa do CNPq "Reescrever o século XVI" e ao edital conjunto para apoio à pesquisa "Iniciativas de Parceria Estratégica USP/AUCANI – UMINHO/CEHUM (2019-2021)".

2 Cf. também MACEDO, 1990, p. 50: "No poet less deserved to be cast as a national monument than Camões. Those of his works which speak in a new voice to successive generations reveal the same adventurous and questing spirit that placed Portugal in the vanguard of Europe's overseas expansion. The stereotyped image of monumental greatness denies actual qualities of a man who preferred the risk of seeking unknown truths to the comfort of received Truth"; "His finest work is subtly subversive. He adopts Renaissance models (Ovid and Virgil, Dante and Petrarch, the Bible and Platonicism) and uses their idioms to very different ends. Camões owes his poetic mentors, especially Petrarch".

3 "Mainstream Camões scholar nowadays recognize five letters as canonical: the letter purportedly written from Ceuta ("Esta vai com a candeia na mão"), two letters from Lisbon (‘Ūa vossa me deram’ and ‘Quanto mais tarde vos escrevo’), the letter from Goa (‘Desejei tanto ūa vossa’) and the brief note addressed to D. Francisca de Aragão, that accompanies the three glosses written to develop the motto ‘Mas porém a que cuidados?’" (WILLIS, 1995, p. 15).

4 Élio Donato, gramático latino do século IV.

5 Intrometem.

6 Em Clive Willis (1995, p. 17), lê-se: "Finally, the fragment ‘Quem ouviu dizer nunca’ would be perfectly admissible as canonical on the basis of style and content but its brevity and lack of wider context can only mean that the evidence is inconclusive. It was published for the first time in 1626 in Pedro Craesbeck's edition of *Os Lusíadas*, in the letter's prologue to Dom João de Almeida, a descendant of the original recipient: ‘Quem ouviu dizer nunca que em um tão pequeno leito quisesse a fortuna representar tão grandes desaventuras? E eu como se elas não bastassem me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria espécie de desavergonhamento. E assi acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à pátria, que não somente me contentei de morrer nela, mas de morrer com ela’.

7 Frase de Virgílio, *Eneida*, II, vv. 89-90: "e nós carreámos algum renome e dignidade". "Gozamos nós de algum renome" na tradução de Odorico Mendes (2005, p.60, v. 93).

8 Gabastes.

9 "pareceu-me digno o referido cortejo triunfal". Verso do Livro III dos Fastos, de Ovídio. Ver Google's book: Ovide, Heinsius, Petrum Leffen, 1661. *Fastorum*, Libre III, vv. 541-2.

10 COD. 9492, fol. 154-155, COD.8571, fol. 27v -28v: duas versões de “Hũa vossa me derão”.

11 Diligente.

12 Em que vos piche, besunte de piche, também no sentido figurado de lançar nódoas no caráter de alguém. <http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/1/pez>

13 Residiu.

14 Vide Virgílio, *Eneida*, I, v. 204: “Por entre tantas circunstâncias adversas”.

15 Leer cadeira / Ler cátedra : “*Poder leer Cathedra: Phrase. metaphorica, que se entien- de del que es tan advertido y astúto, que puede advertir y enseñar en alguna matéria*” (p. 377). *Diccionario de la lengua castellana*, Madrid, Imprenta de la Real Academia Española, 1734. Tomo IV.

16 Em português, “impingem”. Em castelhano, “empringir” designa ação ilícita.

17 Expressão de “Os disparates seus na Índia”, sátira de Camões.

18 Ceuta.

19 “A serpente se esconde na relva”, ver Virgílio, *Bucólica*, 3, 93: “Frigidus o pueri fugite hinc latet anguis in herba” (fol.[9]). VIRGILIO, *Bucolicon, Georgicon, Aeneis*. Manuscrito iluminado do século XV, Biblioteca Ricardiana de Florença. <https://www.wdl.org/pt/item/10649/view/1/1/>

20 Ainda.

21 Felipa de Bairos, Beatriz Flamenga.

22 Por exemplo, na “Arte de amar”, “Suportar contrariedades”: “E não julgues que é vergonha aturar as pragas ou chicotadas da tua amada” (Ovídio, 2011, p.321).

23 Semana.

24 Travessa Horta Navía em Alcântara. Logradouro de Lisboa.

25 Mojanguê é um prato festivo da culinária da Amazônia, conhecido no tempo de Camões. A presença de África se faz pela referência ao judeu mestiço da Guiné.

26 Lugares comuns do trovadorismo ibérico e da matéria de cavalaria.

27 Entre as linhas, como explicação, está escrito “gorro”.

28 Recamado.

29 Cábria, espécie de guindaste. Compare-se com o trecho da “Carta da Índia a hum amigo”, sobre levantar mulheres caídas: “as portuguesas todas caem de maduras, que não há cabo que lhe tenha os pontos”. Mas ainda o guindaste pode evocar mecanismos de tortura.

30 Almogáveres, almogávares: soldados velhos na Península Ibérica. Raphael Bluteau, *Vocabulario Portuguez & Latino - volume 1*. E no Vol. 9, Suplemento, onde dá a forma camoniana: almogaveres, definindo-os como salteadores e ladrões de “desmandados no tempo da guerra”.

31 Determinando.

32 A matraca substitui o badalar do sino no curso das procissões da Semana santa. Consiste numa tábuca de madeira com alças de metal que, batidas contra a madeira, produzem um som seco. Também é usada nos conventos e escolas como despertador. Metáfora de pessoa que fala demais; “ser matraqueado de” significa ser objeto de zombarias, apupos, denúncias e acusações.

33 Em breve apresentarei a transcrição desta quinta carta inédita no volume *Para a História não oficial de Camões*, publicação do Programa de Pós-Graduação de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, DLCV/FFLCH.